Boletim
Anarco-Sindicalista

«Nós transportamos nos nossos corações um mundo novo» – Durruti

Publicação bimestral da Associação Internacional d@s Trabalhador@s - Secção Portuguesa

Solidariedade com a Revolta na Grécia!

(separata)

Concentração na Amadora

contra a repressão policial, por Kuku e outras vítimas dos mercenários do Estado

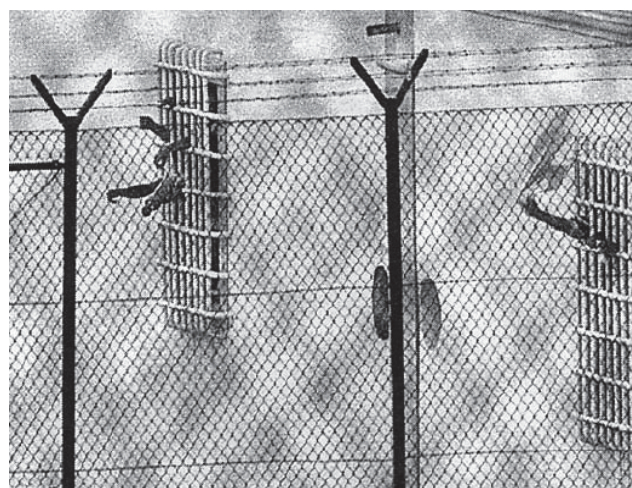
(página 5)

O mesmo de sempre:

A "crise" é para os trabalhadores e as camadas mais pobres e marginalizadas da população

(página 6)

A face escondida da "crise"

Iraque? Afeganistão? Não, a foto mostra uma faceta pouco divulgada da *guerra social* nos EUA: o polícia Robert Kole revista o que era a habitação duma família de Cleveland, no Estado de Ohio, despejada por não ter pago as prestações da casa, para se assegurar de que não ficou mesmo ninguém no seu interior antes de esta ser **selada** pela imobiliária e **posta de novo à venda**.

(página 9)

"Motim" de Caxias:

Linchamento judicial 13 anos depois

(página 5)

1934 – A revolta dos sindicatos livres contra o fascismo

(página 12)

Lutas laborais e despedimentos em Portugal

(páginas 2-4)

Nº 30 € 0.50 Fevereiro - Março 2009

PALMELA – 254 Trabalhadores Temporários Despedidos ou O Caso Exemplar da Autoeuropa

A **Autoeuropa** vai despedir, até finais de Fevereiro, 254 trabalhadores contratados através de Empresas de Trabalho Temporário. Isto acontece numa empresa em que o *acordo* negociado entre a Administração e a Comissão de Trabalhadores (CT) e posteriormente aprovado pelos trabalhadores por *voto secreto*, previa como "contrapartida" que não haveria despedimentos... colectivos. Aparentemente, o despedimento de trabalhadores temporários não faz parte das preocupações da CT – não serão estes trabalhadores iguais aos outros, em dignidade, necessidades e direitos? Parece que não, segundo o tão celebrado acordo alcançado há uns anos para o funcionamento da fábrica de Palmela, com o seu famoso "banco de horas", que até mereceu o aplauso da casa-mãe na Alemanha, cujos directores apontaram Portugal como um exemplo a seguir pelas outras filiais pelo mundo fora. Isto bastaria para nos fazer desconfiar do carácter vantajoso de tão consensual e inter-classista acordo, unanimemente aplaudido por trabalhadores e patrões.

Quanto a nós, é sempre errado os trabalhadores deixarem-se dividir em fatias, umas com mais direitos que outras – além de ser gerador de divisões, facilita a tarefa ao patrão, hoje vão uns para o desemprego, amanhã seguir-se-ão outros e, como poderia dizer o ditado, grão a grão enche o patrão o papo. Pelo contrário, o princípio-base da nossa defesa **eficaz** como trabalhadores deveria ser o da nossa unidade solidária na luta pela manutenção e mesmo pelo aumento dos nossos direitos e melhoria das nossas condições de vida, recusando sempre o argumento falacioso de deixar prejudicar alguns de nós para "salvar" os outros, pois esse é sempre o argumento da entidade patronal, que aplica sistemática e eficazmente o velhíssimo princípio de dividir para reinar.

No caso dos trabalhadores temporários, a sua discriminação é tanto mais ultrajante e ofensiva de qualquer princípio ético, quanto se trata de uma das camadas mais exploradas e desprotegidas da classe trabalhadora, arregimentada pelos modernos negreiros do trabalho assalariado – as Empresas de Trabalho Temporário. As condições degradantes em que se encontram estes trabalhadores, muitos deles jovens que conseguiram o seu primeiro emprego, só encontram paralelo nos trabalhadores imigrantes, sobretudo os chamados trabalhadores ilegais, que têm de lutar diariamente contra a estreita aliança entre a exploração patronal e a perseguição policial.

Leiria e Vendas Novas: Key Plastics Portugal despediu 220 trabalhadores

A Key Plastics Portugal, empresa que fabrica componentes para a indústria automóvel, despediu, entre Outubro e Dezembro, 220 trabalhadores de duas fábricas no concelho de Leiria e de uma unidade em Vendas Novas. Os despedimentos incidiram sobre os trabalhadores colocados por empresas de trabalho temporário ou com contratos a termo.

Greve nos CTT contra novo Acordo de Empresa

Os trabalhadores dos CTT cumpriram uma greve de quatro dias, no início de Dezembro, contra o novo Acordo de Empresa, que lhes retira direitos, por aumentos salariais e contra o clima de intimidação vigente na empresa.

Lamego: Trabalhadores camarários contra falta de condições de trabalho

Trabalhadores da Câmara Municipal de Lamego manifestaram-se no dia 22 de Dezembro em frente aos Paços do Concelho, exigindo novas oficinas, instalações sanitárias, balneários, cacifos e fardamento. Os cerca de 150 trabalhadores do sector externo da autarquia – calceteiros, jardineiros, canalizadores e outros operários – trabalham actualmente em instalações que não oferecem o mínimo de segurança e dignidade.

Porto: Greve dos trabalhadores da limpeza urbana

Os trabalhadores da limpeza urbana do Porto realizaram quatro dias de greve, entre os dias 24 e 26 de Dezembro e entre os dias 31 de Dezembro e 2 de Janeiro. A razão para este protesto é a intenção da Câmara Municipal do Porto em transferir 270 trabalhadores para as duas empresas privadas que vão ficar encarregadas da limpeza de parte da cidade, sendo que estes trabalhadores perderão direitos, como o subsídio de trabalho nocturno (que acrescentava 25% a um salário médio de 600 euros), por deixarem de estar vinculados à função pública.

Cacia: Encerramento da CPK

A fábrica de papel Companhia Produtora de papel Kraft-Sack, pertencente ao grupo Altri, anunciou o seu fecho e o despedimento dos 44 trabalhadores em Janeiro. Nos últimos meses, a CPK já vinha rescindindo contratos por acordo com vários trabalhadores.

Santo Tirso: Plano de recuperação às custas dos trabalhadores

Os trabalhadores da fábrica têxtil A Flor do Campo, em Santo Tirso, vetaram em Janeiro o plano de recuperação da empresa proposto pelo administrador judicial da empresa. Acontece que o plano apresentava como necessário para a recuperação da empresa o perdão de 85% das dívidas aos credores e o seu pagamento ao longo de 12 anos, ou seja, os trabalhadores com salários e outros direitos por receber teriam de abdicar de 85% dos mesmos e receber os 15% restantes em mezinhas insignificantes ao longo dos anos!

Mozelos: Operários da Suberus em greve contra salários em atraso

Cerca de 150 trabalhadores das empresas corticeiras Subecor e Vinocor, pertencentes ao Grupo Suberus, em Mozelos, entraram em greve por tempo indeterminado, no dia 21 de Janeiro, exigindo o pagamento dos salários em atraso. Esta forma de luta tem lugar após, em Dezembro, a Administração ter alegado dificuldades financeiras para convidar os trabalhadores a auto-suspenderem temporariamente os contratos e ter comunicado que não haveria dinheiro para pagar salários em atraso. Isto apesar de a empresa ter excesso de trabalho e continuar a despachar encomendas.

Lisboa: Trabalhadores da limpeza urbana em greve contra privatizações

A greve dos trabalhadores da limpeza urbana de Lisboa, realizada de 8 a 11 de Dezembro, teve uma adesão de 90%, abrangendo entre 2000 a 2500 trabalhadores, incluindo cantoneiros, motoristas e pessoal administrativo e técnico. A greve foi convocada com o objectivo de evitar a possível privatização de parte dos serviços de limpeza urbana e de exigir a admissão de mais trabalhadores, a melhoria das condições de trabalho e a aquisição de mais meios materiais. Uma nova greve que se antecipava para o fim de Dezembro foi desconvocada após o compromisso da Câmara em atender às reivindicações sindicais.

Ovar – Vaga de encerramentos de empresas

Desde o início de Janeiro, várias empresas de Ovar anunciaram que vão fechar as portas ou poderão vir a fazê-lo durante este ano: a **Philips** vai encerrar as suas fábricas de bobinados (162 trabalhadores) e de controlos remotos (72), transferindo-as para a China ou Marrocos; a **Yazaki Saltano** vai transferir linhas de produção para a Eslováquia e a Turquia (500 trabalhadores); a **Universal Motors** e a **Tovar Text** (fábrica têxtil) também anunciaram que poderão vir a reduzir o número de trabalhadores ou mesmo encerrar.

Vila Real – Protesto dos Trabalhadores Florestais contra a mobilidade especial

No dia 15 de Dezembro, algumas dezenas de trabalhadores da Autoridade Florestal Nacional (AFN) manifestaram-se em Vila Real, cidade da sede do Norte da AFN, contra a sua passagem para a mobilidade especial e defendendo os seus postos de trabalho. O Ministério da Agricultura vai passar 197 trabalhadores florestais para a mobilidade especial, sendo que 99 são do Norte, cerca de 50 do Centro e mais cerca de 50 do Sul do país. Tal como aconteceu com outros trabalhadores que passaram para a situação de mobilidade especial, o mais provável é estas pessoas não serem colocadas noutros serviços, permanecendo sem actividade e vendo os seus rendimentos reduzirem progressivamente.

Viana do Castelo: Leoni vai parar 23 dias durante seis meses

A Leoni, grupo com 51 mil trabalhadores e 700 fábricas no mundo inteiro, anunciou uma paragem de 23 dias repartidos pelos próximos seis meses, na sua unidade de Viana do Castelo, que emprega 700 trabalhadores. Pelos dias que ficam sem trabalhar os operários não receberão qualquer compensação.

Figueiredo, Amares – Os trabalhadores impedem saída do proprietário e de outros quadros de fábrica de confecções, bem como de equipamento

Em 16 de Janeiro, só com a protecção da GNR Mário Gonçalves, proprietário e administrador da fábrica de confecções **Intipor, SA**, de Figueiredo, Amares, bem como outros quadros da empresa, puderam sair da fábrica, pois os 200 trabalhadores da Intipor organizaram um piquete, reforçado com algumas dezenas de viaturas, que barrou qualquer saída das instalações, exigindo o prometido pagamento do salário do mês de Dezembro, bem como outras dívidas de salários e subsídios de Natal e de férias.

Enganados e sobre-explorados pelo patrão (que os convenceu a trabalhar mais horas do que o horário normal para, dizia ele, lhes poder pagar), os trabalhadores organizaram-se em turnos para garantir que nenhuma mercadoria nem equipamento sairá da empresa.

Paredes – Empresa da SONAE despede 42 trabalhadores

A **Movelpartes**, empresa do grupo SONAE sedeada em Paredes, que produz móveis e componentes, anunciou em 20 de Janeiro o despedimento de 42 trabalhadores do total de 66, um dia depois de Paulo Azevedo, Presidente Executivo da SONAE SGPS, ter garantido que no grupo SONAE não haveria despedimentos este ano... Claro que a empresa veio "argumentar" que P. Azevedo, o sucessor de Belmiro de Azevedo à frente da SONAE, apenas se referiria à SONAE SGPS e não à SONAE Indústria, ou seja, tinha passado para os *mass media* uma falsa ideia da empresa. De qualquer modo, sabemos bem que o patronato está sempre pronto a quebrar toda e qualquer promessa, e que a única garantia de os trabalhadores não serem sistematicamente tratados como mão-de-obra descartável reside na sua auto-organização e capacidade de luta, bem como na solidariedade activa entre trabalhadores.

Beja – Trabalhador perseguido pelo patrão por actividade sindical

Um soldador da **Manuel Pires Guerreiro**, empresa metalomecânica, desde que foi eleito dirigente sindical em Julho passado, tem vindo a sofrer represálias da empresa, que o tem colocado a trabalhar ao frio e à chuva, com risco evidente de acidente, e também, mais recentemente, o "reconverteu" para tarefas de servente, após lhe ter dado a escolher entre "trabalhar na empresa ou exercer actividade sindical". Mais um exemplo do modo como a chamada liberdade sindical pode ser impunemente limitada pelo patronato, situação que ainda é mais real nos trabalhadores precários, cujas liberdades sindicais não existem na prática.

Alcobaça – Salários em atraso e 30 trabalhadores despedidos

Os 30 trabalhadores da **Obrarte**, empresa de cerâmica de Alcobaça, foram despedidos em 5 de Janeiro. Os patrões argumentam falta de trabalho, mas, segundo os trabalhadores (que reivindicam, não só a sua reintegração na empresa mas também que sejam pagos os subsídios de Natal de 2006, 2007 e 2008, de férias de 2007 e 2008 e o salário de Dezembro de 2008), nunca faltou trabalho à empresa, muito pelo contrário, suspeitando fortemente que as encomendas estejam a ser dirigidas para outra empresa e que o objectivo seja o encerramento, sem pagar indemnizações nem declarar a insolvência.

Nelas – 112 trabalhadores a prazo despedidos por multinacional

A multinacional holandesa **Borgstena** vai despedir, da sua fábrica de tecidos para automóveis de Nelas, 112 dos 288 trabalhadores e reduzir o horário de trabalho dos que permanecerem na empresa. Os trabalhadores atingidos pelo despedimento são contratados a prazo, que são dos mais atingidos na actual vaga de despedimentos, por não terem garantias legais de renovação do contrato e também porque os sindicatos oficiais, burocratizados e corporativos, estão mais preocupados com os trabalhadores com contrato sem termo certo do que com os contratados a prazo, numa altura em que os trabalhadores em situação de precariedade (a prazo, temporários, "ilegais", etc), juntamente com os desempregados, se estima representarem já 40 a 50% do total de trabalhadores em Portugal.

Évora – Suspensão de contratos de trabalho na TYCO

A **Tyco Electronics**, fábrica de componentes electrónicos para a indústria automóvel, suspendeu, em 8 de Janeiro, os contratos de trabalho de 536 trabalhadores por um período de 6 meses, o prazo máximo permitido pelo actual Código do Trabalho. A Tyco Electronics é o maior empregador de todo o concelho de Évora, com cerca de 1600 trabalhadores. Os trabalhadores com contrato de trabalho suspenso ficarão em casa, recebendo 2/3 do ordenado, pagos em partes iguais pela Segurança Social e pela empresa, que teoricamente deverá demonstrar as razões alegadas para este *lay-off* (redução de 35% do volume de negócios).

Horta, Açores – Sub-empreiteiro não paga os salários aos trabalhadores

Cerca de dez trabalhadores, que constroem as novas instalações do Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores, ainda não tinham recebido os ordenados de Novembro e Dezembro em 6 de Janeiro, tendo interrompido a laboração nesse dia para protestar contra a sua situação, tanto mais que a **Teixeira Duarte**, que sub-contratou a **Seidi e Irmãos** para a execução da obra, afirma já ter pago a esta última. Entretanto, o sub-empreiteiro estava já a desmontar o estaleiro para ir para S. Miguel, quando a previsão de conclusão da obra é no próximo Verão. Estará o **dono** da obra, a Teixeira Duarte, a preparar-se para sub-contratar outro empreiteiro e tentar lavar daí as suas mãos? O sistema de sub-contratações sucessivas e em pirâmide é muito usado pelas grandes empresas para, através do jogo do empurra, fugirem às suas responsabilidades reais, quer no que toca ao pagamento de ordenados, quer, como tem sucedido tantas vezes, no que toca à responsabilização por acidentes de trabalho...

Cascais – 182 trabalhadores despedidos

A **Euronadel**, sedeada na Abóbada, Cascais, do grupo Groz-Beckert, vai ser encerrada, atirando para o desemprego os seus 182 trabalhadores. A fábrica, que se dedicava à produção de agulhas, tinha beneficiado, como tantas outras que já encerraram, de ajudas financeiras comunitárias.

Braga – Operários da Tradecast fazem greve

Os 48 trabalhadores da empresa de metalurgia Tradecast, fizeram uma semana de greve em Janeiro, como forma de protesto pelos baixos salários e exigindo o pagamento dos ordenados de Novembro, Dezembro e o subsídio de Natal. A administração acabou por pagar os salários em dívida mas ainda irá negociar o subsídio de Natal. Já há vários anos que os trabalhadores são pagos às prestações e a situação tem vindo a piorar. Até ao final de Janeiro, 14 trabalhadores mais antigos da empresa serão despedidos e até Março, mais 12 contratados ficarão sem emprego, pois a Tradecast não está a renovar os contratos.

Despedimentos Colectivos Disparam

Segundo os números oficiais (Direcção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho), o número de trabalhadores despedidos através de despedimentos colectivos tem aumentado desde 2006, dado que passou a haver uma limitação legal ao número de rescisões "amigáveis" dos contratos de trabalho. Por essa razão, passou a ser muito mais usado o processo de despedimento colectivo, cujos números são:

Em 2006 – despedidos 1931 trabalhadores, de 116 empresas.

Em 2007 – 2289 trabalhadores, de 195 empresas.

Em 2008 – 2979 trabalhadores, de 176 empresas

(Janeiro a Outubro de 2008).

Guarda: Trabalhadores da Sodécia em 'lay-off'

81 trabalhadores da Sodécia, fábrica de componentes para automóveis, na Guarda, entraram em 'lay-off' no dia 23 de Janeiro, trabalhando apenas quatro dias por semana e recebendo o equivalente durante seis meses. Os restantes 24 trabalhadores da empresa já se encontravam em lay-off desde Dezembro, ficando sem trabalhar por três meses.

Caldas da Rainha – Possível encerramento da Fábrica Bordalo Pinheiro

Em Dezembro, a administração da fábrica de Faianças Bordalo Pinheiro, que funciona nas Caldas da Rainha desde 1884, pediu aos trabalhadores para suspenderem o seu contrato de trabalho alegando que não existiam encomendas para o mês de Janeiro. Entretanto, Jorge Serrano, o administrador da empresa, afirmou que é possível salvar a fábrica mas uma das condições necessárias é reduzir o número de trabalhadores.

Só no dia 22 de Janeiro os 172 funcionários da Bordalo Pinheiro receberam o ordenado de Dezembro e temem agora ficar no desemprego. A Câmara das Caldas da Rainha pagou 200 mil euros que devia pela compra de parte da fábrica mas a administração já disse que esse dinheiro terá outros fins que não o pagamento dos salários de Janeiro.

Os trabalhadores queixam-se de que os responsáveis da fábrica não os querem ouvir, recusando-se ao diálogo; já fizeram protestos nas Caldas da Rainha e vieram também manifestar-se até Lisboa, para exigir o pagamento dos salários e a manutenção dos postos de trabalho, enquanto decorria uma reunião da comissão de trabalhadores com o Ministro da Economia que assegurou que vai ser proposto um plano de viabilidade para a empresa. Resta saber até quando os trabalhadores ficarão sem receber ordenado e se o tal plano, a existir, irá incluir todos os postos de trabalho actuais.

Braga – Telca encerra e deixa 71 trabalhadores no desemprego

A empresa Telca – Telecomunicações e Assistência, Lda, encerrou no princípio de Dezembro e causou o desemprego de 71 trabalhadores. Os trabalhadores estavam já com 3 meses de salários e subsídios em atraso e a administração nunca se mostrou disponível para resolver a situação. O Tribunal decretou a liquidação da Telca e os trabalhadores vão agora para o fundo de desemprego, para além de, provavelmente, nunca virem a receber da empresa o que lhes é devido.

Mangualde – 500 Trabalhadores da Peugeot-Citroën sem emprego

No dia 23 de Janeiro, a Peugeot-Citroën de Mangualde iniciou um novo período de suspensão da actividade da fábrica até ao dia 5 de Fevereiro, apesar de já ter estado parada durante dez dias devido à falta de encomendas. Findo esse período são despedidos cerca de **500 trabalhadores** entre temporários, contratados a prazo e efectivos, dos 1400 empregados da fábrica. Para além disso, muitos dos restantes trabalhadores terão de se sujeitar a mudar de secção, sem saberem ainda qual será a sua nova função e turno de trabalho. A não adaptação ao novo posto de trabalho poderá ainda ser utilizada pela empresa para despedir mais funcionários. Os trabalhadores acusam a Peugeot-Citroën de não os informar correctamente e estar a perseguir quem não aceita a proposta "amigável" de rescisão do contrato.

A medida do Governo de apoiar as empresas do sector automóvel não serviu para nada aos cerca de 500 trabalhadores que em Fevereiro ficam sem o seu trabalho.

Lisboa – Greve dos trabalhadores da Gate Gourmet

Os trabalhadores da Gate Gourmet, multinacional de *catering* que trabalha para várias companhias aéreas, fizeram greve nos dias 2 e 3 de Janeiro, exigindo uma actualização dos salários de 5,5% e acusando a empresa de fazer chantagem. A empresa só actualiza o valor dos ordenados se os trabalhadores renunciarem a vários direitos, tais como: aceitarem a alteração diária do horário de trabalho, não receberem devidamente os feriados e executarem todas as funções em todas as secções da empresa. A Gate Gourmet tem cerca de 100 funcionários e a adesão à greve, segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Hotelaria, foi de 95%. O piquete de greve, constituído por cerca de 30 trabalhadores, foi impedido pela empresa de entrar nas instalações. Esta acção vergonhosa contou com a cobertura da polícia que enviou quatro carrinhas com agentes, de forma a não permitir que os trabalhadores entrassem nas instalações da Gate Gourmet, o que os levou a apresentar queixa à Inspecção-Geral do Trabalho.

Aveiro – Trabalhadores da MoveAveiro recusam privatização dos transportes

73 trabalhadores da MoveAveiro, empresa municipal de transportes de Aveiro, entregaram em Janeiro ao presidente da Câmara local, um abaixo-assinado em que exigem que se retomem as negociações com os trabalhadores e expressam o seu repúdio pela privatização dos transportes. Os trabalhadores alertam para a degradação dos serviços e a falta de condições de alguns autocarros e opõem-se "a qualquer processo de concessão ou privatização porque será lesivo dos interesses da população e do património da autarquia".

Porto – Greve dos Trabalhadores dos Transportes contra discriminação salarial

A última greve levada a cabo pelos trabalhadores da Sociedade de Transportes Colectivos do Porto (STCP), no dia 22 de Dezembro, registou uma adesão de cerca de 97%, segundo os sindicatos. Esta paralisação deveu-se, principalmente, à discriminação salarial efectuada pela empresa, porque os trabalhadores do Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Urbanos do Norte (STRN), do Sindicato Nacional dos Motoristas (SNM) e dos Trabalhadores de Transportes (SITRA) só obtiveram um aumento salarial de 2,1%, enquanto que os restantes trabalhadores beneficiaram ainda de uma subida de escalão.

Feira – Trabalhadores sem salários e patrões incontactáveis

Os 27 trabalhadores da fábrica de calçado Vieira & Irmão, em Escapães, Santa Maria da Feira, estão com salários em atraso e sem qualquer informação sobre o futuro da firma porque não há ninguém da administração na empresa. Em Outubro, ocorreu uma mudança de administração e o último contacto que houve com os trabalhadores foi no dia 11 de Dezembro, quando os patrões garantiram que iam levantar o dinheiro para pagar os ordenados mas nunca mais apareceram. Os trabalhadores continuam a cumprir o seu horário laboral à espera de notícias sobre o que lhes vai acontecer. Esta situação demonstra bem como os patrões não se coíbem de enganar os trabalhadores, conduzindo-os à miséria.

Feira: Ecco'let despede 177 operários

A multinacional dinamarquesa de calçado Ecco'let anunciou o despedimento de 177 operários da sua unidade em S. João de Ver, Santa Maria da Feira. Os despedimentos correspondem ao encerramento das linhas de produção e de distribuição, ficando apenas activa a secção de desenvolvimento e amostras, com 121 trabalhadores. Os operários afectos à produção vão deixar a empresa a 24 de Abril e os restantes, do armazém, em Outubro. A Administração do grupo justifica os despedimentos com a necessidade de "reforçar a competitividade", "concentrando a produção em série nas regiões mais eficientes em termos de custos" (***JN***, 27/01/2009). É de lembrar que a Ecco'let recebeu recentemente verbas da UE para proceder a melhoramentos na produção, que se vão somar à exploração de mão-de-obra ainda mais barata para garantir a "competitividade da empresa".

Esmoriz e Castelo de Paiva – Aerosoles despede cerca de 120 trabalhadores

O maior grupo português do calçado, a Aerosoles, está a despedir cerca de 120 trabalhadores das 680 pessoas que trabalham nas suas diversas unidades fabris em Esmoriz e Castelo de Paiva. Além disso e apesar da empresa ter encomendas no valor de 14 milhões de euros até Março, muitos trabalhadores estão a ser mandados para casa devido à falta de matéria-prima para trabalharem.

O Ministério da Economia encomendou um estudo que veio afirmar que a empresa tem viabilidade para continuar e o gestor do grupo Aerosoles também indicou que o problema financeiro da empresa será resolvido, mas é certo que o processo de despedimento dos cerca de 120 trabalhadores seguirá para a frente.

“Motim” de Caxias:

Linchamento judicial 13 anos depois

23 de Março de 1996: segundo as autoridades prisionais, o governo e os *media*, desencadeia-se um “motim” na prisão de Caxias. Mas em que consiste este suposto “motim”? Um grupo de presos do Reduto Norte de Caxias, submetidos a insuportáveis medidas de segurança, recusa entrar nas suas celas à noite em protesto contra a sua sobrelotação. Na sequência disto, 180 reclusos, amontoados num espaço reduzido, sem qualquer possibilidade de defesa, são espancados selvaticamente pelos guardas prisionais, seguindo ordens das autoridades prisionais e políticas. Pela madrugada fora, um movimento incessante de ambulâncias e carrinhas celulares verifica-se à porta da prisão. Os feridos são inúmeros, um preso fica cego de um olho devido ao disparo de uma bala de borracha. As feridas emocionais são tão ou ainda mais profundas.

O chamado “motim” de Caxias acontece na sequência de pelo menos dois anos de lutas dos presos, pela melhoria das suas condições de reclusão, por amnistias, por um pouco de dignidade. Greves ao trabalho, greves de fome, cartas e comunicados sucederam-se neste período.

O Director-Geral dos Serviços Prisionais, Celso Manata, e o governo de então, chefiado por António Guterres, fizeram ouvidos moucos às queixas dos presos sobre a situação degradante das prisões, confirmadas pelos relatórios de organizações internacionais, como a Amnistia Internacional, o Observatório Internacional sobre as Prisões ou até mesmo a União Europeia: celas sobrelotadas, maus-tratos aos presos, ausência de condições de higiene e privacidade mínimas, alimentação péssima, assistência médica extremamente deficiente, toxicodependência, alastramento de doenças como SIDA, hepatite ou tuberculose, exploração do trabalho prisional, além da corrupção generalizada envolvendo autoridades e funcionários prisionais. Lembremos que a denúncia destes factos levou inclusive a que o Director dos Serviços Prisionais que antecedeu Celso Manata, o juiz Marques Ferreira, fosse ameaçado de morte pelas máfias instaladas nas prisões.

O factor que fez eclodir novo movimento de luta dos presos, no início de 1996, foi o anúncio de uma amnistia aos presos do processo FUP/FP25 e a primeira negação de uma amnistia presidencial aos outros presos desde o 25 de Abril de 1974. Numa altura em que o movimento dos presos estava em crescendo, por reivindicações que consistiam, na verdade, em que o Estado cumprisse as suas próprias leis, consagradas na Reforma Prisional, esse mesmo Estado respondeu com uma punição exemplar contra os 180 presos do Reduto Norte de Caxias, carregando sobre eles à bastonada, a tiros de bala de borracha e com gás lacrimogéneo.

O processo dos “25 de Caxias” começou desde logo com a acusação do ministro da justiça Vera Jardim contra os “cabecilhas” do movimento. Agora, 13 anos depois, este processo é recuperado pela justiça burguesa, **prevendo-se o julgamento para Março de 2009**. Punidos fisicamente em Março de 2006, arriscam-se a serem linchados legalmente em 2009, apenas por terem lutado pela sua dignidade.

Em solidariedade foi editada uma publicação gratuita intitulada *Presos em Luta: Agitações nas Prisões Portuguesas entre 1994 e 1996*, que contém o historial da luta dos presos nestes dois anos, completado com recortes de imprensa e depoimentos vários, e apela à solidariedade com os processados pelo Estado.

Existe um blogue onde se pode ler os textos e fazer o download da publicação em PDF: **www.presosemluta.tk**

Concentração na Amadora contra a repressão policial, por Kuku e outras vítimas dos mercenários do Estado

No dia 17 de Janeiro, a partir das 16 horas, cerca de 150 pessoas (sendo difícil contabilizar o número ao certo pois muitas pessoas assistiam ao protesto nas ruas circundantes à esquadra) manifestaram-se em frente à esquadra da PSP do Casal da Boba, na Amadora, em protesto pelo assassinato de Kuku, um jovem de apenas 14 anos que foi baleado à queima-roupa, por um agente da PSP durante uma perseguição policial. Esta manifestação foi convocada pela Plataforma Gueto e juntou muitos moradores do bairro, familiares de Kuku e outras pessoas solidárias que gritaram frases como: “Mais trabalho, salário, menos mercenários”, “Escravos fardados, terroristas do Estado”, “Antes eras um homem, agora és um polícia”, “Polícias assassinos” e até “Diário de Notícias, Diário da Polícia”, como alusão às mentiras que os meios de comunicação têm veiculado sobre o assunto, orquestrando uma campanha de criminalização das pessoas que apoiam o protesto e de quem mora nos bairros sociais. Foram também empunhadas algumas faixas que faziam referência a outras pessoas mortas pela polícia.

A esquadra tinha grades em todas as janelas, foi montado um perímetro de segurança e os polícias que estavam na entrada da esquadra e que observavam os manifestantes com o seu habitual ar de desprezo, vestiam coletes à prova de bala. Sentia-se alguma tensão, não fosse a polícia carregar sobre os manifestantes, como, aliás, se habitou a fazer sempre que consegue inventar alguma justificação para reprimir quem contesta a sua autoridade.

Foram atiradas pedras contra a esquadra por duas vezes, uma agente policial foi ferida no ombro com uma pedrada e foram feitas pintadas na estrada.

No fim da concentração, os manifestantes deslocaram-se uns metros pela rua da esquadra mas acabaram por não percorrer o bairro. Gritaram-se gritos de revolta e agradecimentos à solidariedade que se tem feito sentir.

Enquanto os manifestantes dispersavam, numas ruas abaixo, um supermercado Minipreço, com um polícia lá dentro, foi atacado com pedras. Ninguém foi detido, apesar de rapidamente terem aparecido vários carros da polícia.

Já se confirmou que a versão inicial da polícia era falsa e que Kuku foi morto com um tiro a apenas 10 centímetros da cabeça. Esta e outras mortes... “não esquecemos, não perdoamos”...

O mesmo de sempre:

A "crise" é para os trabalhadores e as camadas mais pobres e marginalizadas da população

Segundo nos querem agora fazer crer, ter-se-ia subitamente abatido sobre a população mundial, surpreendendo tudo e todos, um verdadeiro apocalipse – colapso do sistema financeiro, fecho de empresas, fome, miséria, desemprego em massa...

Porém, a situação de extrema penúria a que o capitalismo mundial submeteu a maioria da população *não é surpresa* para os capitalistas e os magnatas da finança. Para só falar nos anos mais recentes, desde finais dos anos 80 que numerosos economistas alertavam para o excessivo peso que o sector especulativo vinha a ter relativamente ao sector produtivo, sobre o qual aquele assenta. De facto, o enriquecimento desmedido de capitalistas e financeiros nas últimas duas décadas proveio da espoliação do produto do trabalho de milhões de pessoas, transformado em dividendos e remunerações sumptuárias através de aplicações nas bolsas de "valores" que, desta forma, *aparentaram* ter multiplicado o valor inicialmente produzido. Mas este enriquecimento tinha um limite óbvio, a partir do qual todo o edifício se começou a desmoronar, na medida em que a sua própria base se esgotou: o que, agora, se tem vindo a designar, eufemisticamente, por "economia real" (a única geradora de riqueza) já não estava a conseguir alimentar a "economia" virtual das bolsas mundiais.

Esta actuação foi levada ao extremo nos EUA durante a última década, com a expansão do crédito de alto risco (o chamado *subprime*) à habitação, que mais não foi do que a "concessão" de crédito a centenas de milhares de pessoas que se sabia não estarem em condições de reembolsar a totalidade dos empréstimos, mas que, ainda assim, haveriam de confiar aos bancos os recursos monetários que ainda detinham, tudo perdendo, incluindo a habitação hipotecada como "garantia" do empréstimo, quando se tornaram insolventes. A atribuição de dividendos, um pouco por todo o mundo, aos accionistas das empresas cotadas em bolsa, com base neste esquema de criação de valor "artificial", proveniente do roubo organizado pelas instituições financeiras, não poderia durar eternamente.

Para explicar o aparecimento desta situação de crise, reinventou-se a teoria da bolha. Desta vez, teria surgido e rebentado a *bolha do imobiliário*. A sua causa, a *falta de controle* sobre o sector financeiro. A sua consequência, a *retracção do crédito bancário* com o consequente estrangulamento da actividade económica. A cura, a injecção de dinheiro, *o dinheiro dos contribuintes*, no mercado, leia-se nos bancos, instituições de crédito, corretoras e empresas gestoras de carteiras de acções, com a justificação de que isso iria reactivar o crédito às empresas e relançar a economia.

Claro que *não foi nada disso que sucedeu*. Como se verificou logo na primeira "injecção" de dinheiro dos impostos (nos EUA, 700 mil milhões de dólares, em Outubro passado) na alta finança: esta que, ao contrário do que afirma, nunca existiu para fazer funcionar (*olear*, na sua linguagem enganadora) a economia, mas para continuar a enriquecer à conta desta, a primeira coisa que fez foi utilizar boa parte desse capital no pagamento de dividendos aos accionistas e de chorudos bónus aos gestores. E o Secretário norte-americano do Tesouro, Henry Paulson, lá veio pressurosamente explicar que, se não fosse assim, a banca e a finança não iriam aderir ao "plano de ajuda". Segundo ele, a metade dos 700 mil milhões que ainda não tinha sido engolida seria certamente usada para os fins que a tinham justificado...

O mesmo tem acontecido na Europa, como o prova o facto de, por exemplo, o Banco Central da França ter constatado que, afinal, o dinheiro que tinha colocado à disposição dos bancos para relançar a atribuição de crédito às empresas continuava sem ser usado para esse fim, ameaçando mesmo começar a fazer empréstimos directos às empresas, transformando-se numa espécie de super-banco de negócios...

Evidentemente, os Estados e os respectivos governos temem que o agravamento diário da situação económica e social conduza a explosões de cólera tais que ameacem a sua continuação nos órgãos de poder e possam abrir o caminho a uma verdadeira insurreição anti-capitalista e anti-estatal. No entanto, não podemos esquecer que quem *de facto* manda e governa são o grande capital e a alta finança, não passando os chamados governos de meros capatazes que defendem a todo o custo os seus interesses e, claro, também embolsam uma parte dos lucros.

É por isso que não deixa de ser patético, ou não passa de pura manobra de propaganda, exigir que os governos *limitem* o apetite voraz da banca e da finança e *obriguem* esta a usar o dinheiro que lhes é oferecido de bandeja no interesse das pessoas comuns...

Quanto a nós, pensamos que cada vez se torna mais claro que este sistema económico é irreformável, que a única perspectiva, a médio prazo, que podemos ter, é *o seu completo desmantelamento* e a sua substituição por um meio social que tenha como princípio e como fim as pessoas concretas, a satisfação das suas necessidades reais e o desenvolvimento de todas as suas capacidades, abolindo de uma vez por todas toda a espécie de privilégios e promovendo a igualdade social.

Até lá, deveremos auto-organizarmo-nos para responder aos ataques de que somos objecto, sem delegar em ninguém a capacidade de decidir aquilo que nos diz respeito, pois a nossa libertação só poderá ser obra de nós próprios.

António Mota

"Tudo corre muito bem para os ricos neste país, jamais fomos tão prósperos. É uma guerra de classes e é a minha classe que está em vias de ganhar."

Warren Buffet

segundo homem mais rico do mundo, em declarações recentes na revista *Forbes*

Mais 40 milhões de desempregados

Segundo previsões da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em relatório divulgado em 20 de Janeiro, durante o ano de 2009 o número de novos desempregados em todo o mundo poderá chegar aos 40 milhões (o que criará um total de 230 milhões de desempregados); por outro lado, a OIT também prevê que mais 200 milhões de trabalhadores poderão ser atirados para uma situação de pobreza extrema (com um salário inferior a 2 dólares por dia), somando 1,4 mil milhões, ou seja, **45%** do total mundial. Quanto aos trabalhadores sem quaisquer garantias de contratação nem protecção social, poderão chegar a **53%** do total, isto é, poderão ultrapassar os 1,6 mil milhões.

Nº de desempregados entre 1999 e 2008, e estimativas para 2009, segundo a OIT

E o fosso entre ricos e pobres não pára de aumentar. Segundo a mesma OIT já denunciava em 16 de Outubro do ano passado, por exemplo os Presidentes Executivos das 15 maiores empresas dos EUA receberam, em 2007, salários **520 vezes** superiores aos salários **médios**; em 2003, a diferença era de **320 vezes**... Também, segundo agora relata a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), contrastando com o aumento em volume e a concentração em número das fortunas a nível mundial, os **esfomeados** não cessam de aumentar a cada ano que passa, sendo já cerca de **mil milhões** de pessoas por toda a Terra, com tendência para aumentar muito ao longo deste ano.

Sem dúvida, são cada vez mais actuais os versos de A Internacional: *A pé! ó vítimas da fome! | A pé! famélicos da Terra! | Ruge a razão, ruge e consome | a crosta bruta que a soterra. | Cortai o mal bem pelo fundo! | A pé! A pé! não mais senhores! | Se nada somos em tal mundo, | sejamos tudo, ó produtores! (...)*

*A Internacional**

A pé! ó vítimas da fome!
A pé! famélicos da Terra!
Ruge a razão, ruge e consome
a crosta bruta que a soterra.
Cortai o mal bem pelo fundo!
A pé! A pé! não mais senhores!
Se nada somos em tal mundo,
sejamos tudo, ó produtores!

Bem unidos, façamos,
nesta luta final,
duma Terra sem amos
a Internacional!

Messias, deus, chefes supremos,
nada esperemos de nenhum!
Unamos forças e tornemos
a terra-mãe livre e comum!
Para não ter protestos vãos,
para sair deste antro estreito,
façamos nós por nossas mãos
tudo o que a nós nos diz respeito.

Bem unidos, etc.

Crime de rico a lei o cobre,
o Estado oprime o desgraçado:
não há direitos para o pobre,
ao rico tudo é tolerado.
À opressão não mais sujeitos!
Somos iguais todos os seres.
Não mais deveres sem direitos,
Não mais direitos sem deveres!

Bem unidos, etc.

Abomináveis na grandeza,
os reis da mina e da fornalha
edificaram tal riqueza
sobre o suor de quem trabalha.
Todo o produto de quem sua
a corja rica o recebeu:
querendo que ela o restitua,
reclama o povo o que é bem seu.

Bem unidos, etc.

Fomos de fumo embriagados:
paz entre nós, guerra aos senhores!
Façamos greve de soldados:
somos irmãos, trabalhadores!
Se a raça vil, cheia de galas,
nos quer à força canibais,
logo verá que as nossas balas
são para os nossos generais.

Bem unidos, etc.

Somos o povo dos activos,
trabalhador, forte e fecundo.
Pertence a Terra aos produtivos:
ó parasita deixa o mundo!
Ó parasita que te nutres
do nosso sangue a gotejar,
se nos faltarem os abutres,
não deixa o Sol de fulgurar.

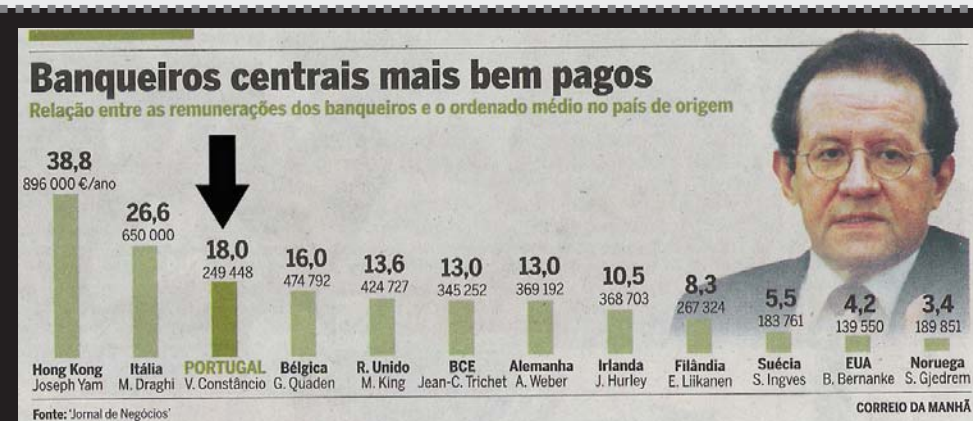
Bem unidos, façamos,
nesta luta final,
duma Terra sem amos
a Internacional!

(*) Letra de E. Pottier, música de Degeyter, tradução de Neno Vasco.

A crise deles: 10 mil euros (2.000 contos) por dia

Como o Banco de Portugal se viu obrigado a abrir formalmente um inquérito às actividades do BCP (a luta aberta pelo poder entre dois grupos de accionistas deste veio revelar alguns dos negócios até aí "ocultos" do banco), acusando 7 ex-administradores e outros altos quadros de práticas "ilícitas", acabaram por vir a lume as remunerações que os gestores deste banco **se auto-atribuíram** durante os anos compreendidos entre 2002 e 2006. Em 2002: 43,4 milhões de euros; em 2003: 29,5; em 2004: 31,3; em 2005: 31,3 e em 2006: 26,8 o que perfaz a soma de **162,3 milhões de euros** em cinco anos. Dividindo essa soma pelo número de dias decorridos, obtém-se a quantia **diária** de **89.932 euros**, que, dividida pelos nove administradores do banco dá **10.000 euros** de remuneração média de cada um **por dia**.

E a nossa: 10 euros por dia

É este mesmo banco que, em Dezembro do ano passado, recrutava, através da empresa Reditus, "colaboradores" (eufemismo para verdadeiros escravos assalariados) para o seu arquivo de cheques na Matinha, Lisboa, por 450 euros por mês a recibo verde, o que, uma vez feitos os descontos obrigatórios para a Segurança Social, se traduz numa remuneração mensal de 300 euros, ou seja, 10 euros por dia...

Vítor Constâncio, governador do Banco de Portugal, que é **o terceiro mais bem pago** dos **governadores** dos bancos centrais **do planeta**, considerando a relação entre as respectivas remunerações e os ordenados médios em cada país, foi quem, durante o ano de 2008, teve as seguintes atitudes:

– defendeu a **necessidade de contenção salarial** (para os outros, como se vê...), para "não prejudicar a produtividade das empresas portuguesas"

– foi **contra qualquer baixa de impostos**, com o pretexto de ser necessário assegurar uma "baixa sustentada do défice público" (claro que as suas fabulosas remunerações não contam para a despesa pública...)

– atribuiu à "**generosidade**" do **subsídio de desemprego** a existência de muitos trabalhadores em situação de desemprego prolongado, agarrados a tão generosa remuneração (aqui fala, certamente, por experiência própria...)

Safadeza e desfaçatez são coisas que não faltam a gente deste quilate.

mea culpa

O nosso pedido de desculpas

No nº26 do nosso *Boletim*, a propósito do ajuste de contas ocorrido no BCP do qual resultou a saída do seu presidente executivo, Paulo Teixeira Pinto, referimos que este perdedor foi contemplado, a título de "compensação", com 10 milhões de euros "à cabeça" e uma **reforma vitalícia** de meio milhão de euros por ano, isto é, uns **40 mil euros *(8 mil contos)*/mês**, e colocámos entre aspas o facto de tão aparentemente choruda recompensa poder ser considerada uma perda.

Como se veio a saber agora, devido à guerra entre grupos de accionistas do BCP e lavagem da roupa suja em público (que pôs a nu as vigarices realizadas por **este** banco, obrigando o Banco de Portugal a desencadear mesmo uma "investigação"), o Sr. Teixeira Pinto, afinal, perdeu mesmo, e muito, comparando com os que lá permaneceram, pois passou duma remuneração média de 10 mil euros *(2 mil contos)*/dia, ou seja, duns bem nutridos **300 mil euros *(60 mil contos)*/mês** para uns míseros **40 mil euros *(8 mil contos)*/mês**...

Aqui fica o nosso pedido de desculpas ao Sr. Teixeira Pinto, pois temos a certeza de que tão baixo rendimento mensal dificilmente chegará para pagar a conta do alfaiate, agora que já não pode ser reembolsada como "despesa de representação"...

A face escondida da “crise”

Iraque? Afeganistão? Não, a foto mostra uma faceta pouco divulgada da *guerra social* nos EUA: o polícia Robert Kole revista o que era a habitação duma família de Cleveland, no Estado de Ohio, despejada por não ter pago as prestações da casa, para se assegurar de que não ficou mesmo ninguém no seu interior antes de esta ser **selada** pela imobiliária e **posta de novo à venda**. Nas palavras do próprio autor da fotografia, Anthony Suau, quando chegou a Cleveland ficou em estado de choque, não havia uma única rua na cidade que não tivesse uma casa selada, parecia o *dia seguinte* do furacão Katrina.

Esta foto faz parte duma foto-reportagem feita para a *Time* em **Março do ano passado**, quando começavam a aparecer os efeitos da “crise” do crédito de alto risco à habitação, que proporcionou lucros gigantescos a accionistas e gestores das instituições financeiras que o organizaram, nos EUA, e que pelo mundo fora dele se aproveitaram, através da titularização desses créditos (da sua transformação em acções e outros criativos “valores” bolsistas).

De então para cá, muito se tem falado na necessidade de “salvar” essas instituições através de injecções de dinheiro dos contribuintes ou de nacionalizações totais ou parciais, o que vem a dar no mesmo, mas **nada tem transpirado** sobre os muitos que, durante a última década, foram espoliados dos recursos monetários que lhes restavam através do crédito à habitação. Inclusive, a referida foto-reportagem esteve bem escondida dos olhares do público, nas catacumbas da *Time*, e só agora, dez meses decorridos, veio a lume, devido ao facto de esta foto ter ganho o concurso mundial da fotografia de jornalismo de 2009. Da mesma maneira, **nem a imprensa nem as televisões** referem o elevadíssimo número de famílias que, desde então, foram expulsas das suas casas e passaram a viver ao relento, em acampamentos improvisados com tendas ou em roulotes.

O número de famílias despejadas é um segredo bem guardado, mas pode estimar-se em **muitas centenas de milhares** as famílias nessa situação, ou seja, talvez **milhões de pessoas**, homens, mulheres, crianças e idosos, já que, no início de Janeiro deste ano, foi anunciado o número colossal de **um milhão e oitocentos mil** “incumprimentos” no pagamento de prestações.

O carácter de rapina do sistema capitalista e de total ausência de escrúpulos dos seus agentes – bancos, instituições financeiras, órgãos repressivos estatais, tribunais e magistratura, classe política, etc, com o **auxílio precioso dos órgãos de comunicação social** – fica bem ilustrado com este caso, em que o cúmulo do cinismo leva a que nenhum desses senhores se atreva em pôr em dúvida o papel “necessário” e “benéfico” da banca e da finança, apresentadas como sendo organizações verdadeiramente sagradas para o funcionamento da economia, que seria, não **sugada**, mas como que “oleada” por elas. Aceite esse postulado, a conclusão falaciosa impõe-se por si própria: para nos “salvarmos da crise”, importa salvar essas instituições a todo o custo e só depois disso, uma vez mais, penosamente, talvez venhamos a “recuperar” uma parte daquilo de que temos sempre vindo a ser esbulhados.

No caso concreto das vítimas do “milagre” anunciado de que todos poderiam ter casa própria mercê dos empréstimos “concedidos” e garantidos pela própria casa, apresenta-se como aceitável o que deveria indignar qualquer um: o facto de que o “salvamento” das instituições de crédito que espoliaram e a seguir despejaram quem nelas confiou, vai ser feito, também, com o dinheiro que os próprios despejados já pagaram ou virão a pagar em impostos.

Devemos dizer que tudo isto não nos espanta, pois o capitalismo só funciona na base duma remuneração crescente dos capitais investidos na produção, ou seja, na base do lucro, do roubo do produto do trabalho colectivamente organizado e realizado, cujo valor excede em muito tudo o que os capitalistas investiram na produção. É aqui que se alimenta o sector financeiro da “economia”, embora dando a ilusão de, também ele, “criar” valor, quando na realidade se limita a parasitar o sector produtivo. A partir de certo ponto, de tanto ser espremida, a galinha dos ovos de ouro arrisca-se a entrar em colapso.

Por isso andam todos, agora, tão preocupados com a “economia real”, embora o que de facto os preocupa, em primeiro lugar, seja a manutenção e aumento dos seus privilégios e do seu poder, o que defenderão com todas as suas forças, nem que isso nos arraste a todos para uma catástrofe generalizada. Também por isso se torna mais e mais urgente encarar a necessidade de destruir definitivamente este sistema, que de novo se encaminha para uma espécie de auto-destruição, auto-destruição essa que só tem conseguido evitar através de destruições massivas, de guerras destrutivas e mortíferas, que lhe permitem, pela reconstrução do que foi destruído, relançar a “economia real” e partir para mais um ciclo de acumulação e de concentração de capital.

António Mota

O anarquismo representa uma corrente de ideias e de forças sociais que afirma, contra a organização social actual, a necessidade de uma nova ordem social. A afirmação desta nova ordem das coisas, é a negação da ordem actual. Nós negamos efectivamente esta ordem. Mas esta atitude face às instituições e às ideias actuais não implica que nos limitemos a uma negação permanente. Se nós queremos destruir, é precisamente porque desejamos ardentemente construir. Se criticamos o capitalismo e o Estado, os quais representam a negação da livre associação, do espírito de iniciativa, da igualdade e da solidariedade, é porque visamos um tipo de sociedade onde o homem possa ser senhor do seu destino e produto do seu próprio esforço.

Diego Abad de Santillán

Sócrates e os ricos

O digníssimo primeiro-ministro cá do burgo anunciou sem hipocrisia nenhuma e com muita sinceridade aquilo que muitos sabem: que o governo é uma comissão administrativa ao serviço dos capitalistas.

Quando eu digo que Sócrates anunciou que o governo é uma comissão administrativa ao serviço dos ricos, o que quero dizer na verdade é que o primeiro-ministro anunciou que vai reduzir os impostos das famílias e pessoas que têm grandes rendimentos ou ganham acima da média.

Isto é espantoso por muitas razões, apesar de serem os ricos os grandes beneficiados com a existência de governos, são porém os elementos das classes baixa e média que votam e (tristemente) colocam os governos no poder.

Toda a embrulhada da crise e da corrupção à volta do caso Freeport e da banca é provocada pelos próprios capitalistas e pelos governos e políticos que os representam no topo do Estado.

Chegamos ao desplante de ouvir um empresário comunicar que este governo tem sido benéfico para os banqueiros.

O desemprego crescente e as suas várias causas, uma delas a própria burocracia do Estado que mantém critérios absurdos e castradores nos centros de emprego, destruindo as hipóteses de empregabilidade dos trabalhadores (eu que o diga!), tem como consequência a degradação social e económica dos mesmos, enquanto, falsamente, os governantes dizem querer resolver a questão da falta de trabalho e andam ocupados mentindo descaradamente e envolvendo-se em negócios corruptos.

Enquanto milhares de pessoas vão diariamente para o olho da rua e empresas encerram constantemente atirando famílias inteiras para a miséria (trabalhando muitas delas muitas vezes na mesma empresa), os politiqueiros vão afiando as garras e preparando as eleições que têm lugar este ano, com muito afinco.

Os medos do poder instalado são muitos conforme se agrava a situação económica e principalmente a social, isto para já não falar do medo de uma revolta por imitação de situações como a grega ou a islandesa, já se anuncia à descarada em jornais ao serviço do capital e das forças da (des)ordem que estas mesmas forças estão atentas às movimentações de militantes de movimentos sociais, isto tudo para proteger o regime e os seus fervorosos defensores.

Mas enquanto a miséria cada vez mais crescente se aproxima e existe em muitas casas, continuam os governantes actuais a preparar a armadilha onde caem de quatro em quatro ou de cinco em cinco anos milhões de portugueses, e este ano são três armadilhas seguidas onde vai cair imensa gente uma vez atrás da outra, claro está sempre com muito contentamento, porque as queixas e lamúrias ficarão para a altura em que a canalha já assegurou o seu lugarzinho no poleiro, as queixas virão mais que muitas mas não haverá depois muito que fazer, a não ser esperar pelas eleições seguintes, enquanto isto a miséria seguirá em frente.

Rui C

Agitação social na Islândia

A Islândia, minúsculo país com 320 mil habitantes, durante muito tempo elogiado como um paraíso político e económico, é cenário desde há alguns meses de uma forte agitação social. Também aqui, depois de ter privatizado os lucros, o governo decidiu socializar os prejuízos: os três grandes bancos de negócios foram nacionalizados, passando as suas imensas dívidas para as costas da população. Em cada dia do mês de Novembro, 200 trabalhadores perderam o emprego e cada vez mais pessoas se vêem também ameaçadas com a perda da sua habitação. A miséria tornou-se uma realidade massiva.

Elevaram-se muitas vozes entre a população para exigir a demissão dos responsáveis políticos. Após uma fase de surpresa vieram tempos de cólera.

Os anarquistas estiveram muito presentes nos protestos, tentando levar a luta mais além da simples reivindicação de mudança de governantes, tentando fazer compreender que o problema não é simplesmente quem ocupa os cargos políticos mas o capitalismo e o Estado em si.

Alguns episódios de relevo marcaram a luta social dos últimos meses, que sacudiu as instituições islandesas, entre as manifestações de milhares de pessoas, até então inéditas na Islândia. Um manifestante, detido durante vários dias, foi libertado pela multidão que praticamente tomou de assalto a esquadra onde estava preso. No dia 1 de Dezembro, o Banco Central foi invadido por manifestantes que fizeram ceder as forças policiais, só evacuando o local após a partida das mesmas. No dia 8 do mesmo mês, alguns manifestantes conseguiram introduzir-se no Parlamento. Na manhã seguinte, uma reunião de ministros foi atrasada por um cordão humano.

No último dia do ano de 2008, manifestantes conseguiram interromper a emissão em directo dum programa de televisão a partir do Hotel Borg, uma festa em que os líderes dos partidos políticos conversavam sobre o ano político, entre champanhe e arenque.

No dia 20 de Janeiro, milhares de pessoas reuniram-se em frente ao Parlamento com o objectivo de desestabilizar e impedir a primeira sessão parlamentar do novo ano. O mesmo aconteceu nos sete dias seguintes, com manifestações barulhentas.

No dia 21 de Janeiro, houve confrontos com a polícia que utilizou gás contra as pedras atiradas pelos manifestantes em frente ao edifício do governo.

No final do mês de Janeiro, o governo caiu. Uma nova primeira-ministra subiu ao poder. O facto de ser mulher e lésbica é apresentado na imprensa de todo o mundo como algo promissor. Uma “Obama” islandesa? A luta acabou? De novo, os anarquistas islandeses tentam fazer compreender que o problema está no Estado e no capitalismo e não em quem de momento ocupa os cargos políticos. Esperamos que sejam ouvidos...

Uma acção anti-capitalista na Islândia. Numa praça de Reykjavík, foi afixada uma faixa onde se lê: “O teu valor social no capitalismo é:”. Placas com a inscrição “11,2 milhões - VENDIDO!” foram coladas sobre as caras de crianças dum painel decorativo pré-existente. 11,2 milhões de coroas islandesas é o preço mínimo que cada habitante da Islândia terá de pagar se o Estado receber um empréstimo do Fundo Monetário Internacional.

RÚSSIA: Advogado e jornalista assassinados em Moscovo

Manifestação contra o assassinato de Stanislav e Anastasia

No dia 19 de Janeiro, o conhecido advogado Stanislav Markelov, que defendeu casos de antifascistas assassinados em ataques nazis e de Chechenos violados, raptados e mortos; e a jornalista que o acompanhava, Anastasia Baburov, colaboradora da Novaya Gazeta e com afinidades a grupos anarquistas e ecologistas foram mortos a tiro no centro de Moscovo. O advogado era o defensor da família de uma jovem chechena de 18 anos que foi violada e morta por um coronel do Exército Russo e vinha com a jornalista Anastasia Baburov de uma conferência de imprensa em que declarara a sua revolta pela libertação do coronel, quando foram ambos assassinados.

Stanislav e Anastasia foram certamente mortos devido às suas actividades e posições que assumiam publicamente. Foram mais duas vítimas de um Estado Nazi que persegue e mata todos aqueles que contestam a sua autoridade.

Entretanto, já se realizaram várias manifestações e vigílias de protesto contra o assassinato de Stanislav e Anastasia, assim como de muitas outras vítimas do regime fascista da Rússia.

Alguns ataques recentes feitos por neo-nazis na Rússia:

2008 - Os números da polícia indicam que na capital foram cometidos mais de 90 ataques contra cidadãos de fisionomia não-eslava. 47 pessoas foram assassinadas e 46 gravemente feridas.

21 de Julho de 2007 - Um ambientalista russo foi espancado até à morte e sete outros ficaram feridos no dia 21 quando um grupo armado com barras de ferro e tacos de baseball atacou um acampamento de manifestantes "eco-libertários", que protestavam próximo de uma fábrica de processamento de dejectos nucleares na Sibéria.

13 de Novembro de 2005 - Ataque neo-nazi a dois anti-fascistas. Timur Karatchava e Maksim Zguibai foram rodeados por um grupo de 8/10 jovens de gorros pretos que gritavam frases nazis. Timur foi esfaqueado no pescoço e morreu. Maksim foi internado no hospital em estado grave, com cortes nos braços, nas costas e na cabeça.

15 de Setembro de 2005 - Na avenida Névski, em São Petersburgo, uns desconhecidos esfaquearam até à morte um estudante da República do Congo, Epassaku Rolan Frans. Os agressores não foram encontrados.

13 de Outubro de 2004 - Em São Petersburgo foi assassinado um estudante vietnamita de 20 anos, Wu Na Tuanh. Segundo testemunhas, o rapaz foi atacado por um grupo de 14/15 jovens e esfaqueado até à morte.

19 de Junho 2004 - No seu próprio apartamento em São Petersburgo foi assassinado Evgueni Guirenko, cientista e pesquisador das causas do ódio racial ou religioso que ajudava na investigação de todos os casos de crimes cometidos por grupos neo-nazis. O assassino não foi encontrado.

9 de Fevereiro de 2004 - Em São Petersburgo um grupo de jovens atacou crianças tadjiques. Khurcheda Sultonova de 9 anos morreu após ser esfaqueada.

CHILE: Assassinato de um jovem anarquista na Comunidade Mapuche Temucuicui

Juan Cruz, anarquista de 28 anos, solidário com a luta dos mapuches da zona autónoma de Temucuicui, foi assassinado com um tiro na nuca na madrugada de 14 de Dezembro, quando viajava em auxílio da sua companheira e de outras mulheres da comunidade que tinham sido agredidas.

Apesar da repressão brutal exercida pelo Estado à comunidade de Temucuicui (com vários ataques armados, detenções e tortura), os mapuches têm conseguido levar adiante a recuperação das suas terras. Por isso, o Estado mudou de estratégia e passou a utilizar como marionetas os mapuches “institucionalizados” para que sejam eles a fazer o “trabalho sujo”. Foram várias as ameaças de morte e os espancamentos feitos a companheiros de Temucuicui, tornando-se fácil perceber que a morte de Juan Cruz é consequência do conflito criado pelo Estado e pelo Capital, cujo único interesse é retirar as terras aos mapuches.

CNT-AIT convoca greve geral no município de Lebrija (Sevilha)

Primeira greve motivada pela crise em Espanha teve adesão de 90%

No dia 18 de Fevereiro, a CNT convocou no município de Lebrija (Sevilha), uma greve geral a favor da criação de uma bolsa de trabalho sob controlo popular, que administre a distribuição dos trabalhos da autarquia, de forma a evitar os clientelismos do PSOE e da UGT e a garantir que existe uma repartição justa do trabalho entre as pessoas que mais precisam, nesta povoação assolada pelo desemprego.

A luta teve início ainda o ano passado, neste município de 26 mil habitantes, após queixas ao sindicato por companheiros que se viam preteridos dos concursos para empregos do Ayuntamiento (Câmara Municipal), por não pertencerem às clientelas do PSOE, partido que governa a autarquia em conjunto com a Izquierda Unida.

O sindicato discutiu o problema e propôs a criação de uma Bolsa de Trabalho sob controlo popular, pela qual teriam de passar as contratações feitas pelo Ayuntamiento, para assegurar uma boa repartição e rotatividade do trabalho, especialmente entre as pessoas com mais dificuldades económicas.

Em 31 de Janeiro, a CNT apresentou a sua proposta numa assembleia convocada na Casa da Cultura do Povo, perante uma assistência de 250 pessoas. Após a assembleia as pessoas deslocaram-se em manifestação até ao Ayuntamiento. No dia seguinte, repetiu-se o mesmo, mas já com 300 pessoas. No dia 6 de Fevereiro manifestaram-se 500 pessoas e no dia 7 de Fevereiro 2500 pessoas!

Face ao não atendimento das reivindicações, a CNT-AIT e o Comité de Cidadãos de Lebrija convocaram uma greve geral no município de Lebrija para o dia 18 de Fevereiro, reivindicando também às empresas o fim dos despedimentos injustificados e arbitrários de trabalhadores, assim como a repartição do trabalho, através da eliminação das horas extras e da contratação de trabalhadores.

A greve teve uma adesão que se estima em 90%. O pessoal dos supermercados Dia, Lidl, Eroski, Mercadona e Carmela, assim como os padeiros e os bancários aderiram à greve a 100%. O mesmo aconteceu no sector de serviços e construção, nos bares e restaurantes e nas principais obras do município. Os piquetes de greve apenas encontraram em funcionamento uma gasolineira, duas cafetarias e o mercado de abastecimentos composto por umas oito famílias que vendem frutas.

Esta foi a primeira greve realizada em Espanha devido à crise e pela repartição justa do trabalho.

1934 - A revolta dos sindicatos livres contra o fascismo

18 de Janeiro de 1934 foi a data escolhida pelo movimento operário livre para a greve geral insurreccional destinada a impedir a construção do regime fascista de Salazar. Este movimento foi impulsionado sobretudo por militantes anarquistas e anarco-sindicalistas, organizados na Confederação Geral do Trabalho, e integrado por muitos outros operários de diversas tendências.

O objectivo desta revolta foi derrubar o regime de Oliveira Salazar e impedir a fascização da sociedade portuguesa, impedindo a aplicação do Estatuto do Trabalho Nacional, com o qual Salazar pretendia acabar com os sindicatos livres e revolucionários, transformando-os em organismos submissos perfeitamente integrados na organização corporativa do Estado Novo.

A insurreição de 18 de Janeiro de 1934 levou a greves, múltiplas sabotagens e inclusive à famosa tomada da vila da Marinha Grande por operários. A revolta não pôde triunfar, mas significou o último grande acto de resistência do movimento anarco-sindicalista organizado. Um acto de dignidade pago com prisões, torturas e deportações de centenas de militantes.

Conhecer, discutir e comemorar esta data significativa da história das lutas emancipatórias em Portugal é prestar homenagem a todas essas pessoas que arriscaram a vida pela liberdade. Significa também que nos queremos reapropriar da nossa história e memória enquanto movimento libertário, recusando activamente a longa tradição de submissão e “brandos costumes” ensinada nos livros de história e que constitui a memória oficial do Estado.

Conhecer e discutir as lutas do passado significa então também lançar as bases para a teoria e para as práticas de agora, porque a longa noite do fascismo se estendeu muito para além do 25 de Abril de 1974, na cultura e nas instituições portuguesas, inclusive nas “contestatárias”, como os sindicatos actuais que continuam a prolongar o modelo corporativo dos sindicatos nacionais.

Por tudo isto, e o que mais quiserem trazer à discussão, contamos convosco no dia 18 de Janeiro.

(texto de divulgação da actividade de comemoração e debate sobre o 18 de Janeiro de 1934 promovida pela AIT-SP em Almada)

Grevistas detidos em Almada a caminho da prisão

Porto e Almada: Iniciativas de debate sobre a revolta de 18 de Janeiro

O movimento insurreccional de 18 de Janeiro de 1934 foi relembrado e debatido em Almada num debate promovido pela AIT-SP, precisamente no dia 18 de Janeiro último.

A AIT-SP foi também convidada a participar nas iniciativas de evocação da revolta de 18 de Janeiro, promovidas no Porto pelos colectivos e espaços que integram a Iniciativa Libertária do Porto. No Espaço Musas, o 18 de Janeiro serviu de introdução a uma conversa sobre a situação laboral e social actual e as possibilidades de actuação libertária. Na Livraria Gato Vadio, pela noite, foi projectado um excerto do filme Memória Subversiva, e discutido o contexto histórico do 18 de Janeiro de 1934.

Em todos estes debates, o presente acabou por ser mais discutido do que o passado, sinal da vontade dos participantes em criar iniciativas libertárias que voltem a opor séria resistência à opressão e à exploração.

Nenhum projecto repressivo nem ataque ideológico conseguiu, nem conseguirá, chantagear o regresso à normalidade e a imposição da pacificação social e de classe. ***Nada é como antes!*** *A deserção do medo, do isolamento e das divisões sociais dominantes, levou milhares de jovens em conjunto com mulheres e homens de todas as idades, refugiados e migrantes, trabalhadores e desempregados, a juntarem-se nas ruas e, por detrás de barricadas, a combaterem os tiranos que roubam a nossa vida, a nossa dignidade e a nossa liberdade. E esta é uma realidade que ilumina com as suas chamas o futuro da revolta, tanto a sua intensificação como o seu aprofundamento, até à subversão absoluta do mundo dos líderes.*

Ocupação da Universidade Politécnica, Atenas, 24 de Dezembro de 2008

Toda a correspondência para o Boletim Anarco-Sindicalista deve ser enviada para:

Apartado 50029 / 1701 - 001 Lisboa / Portugal
E-mail: aitport@yahoo.com

O Boletim Anarco-Sindicalista em PDF, a partir do número 22, pode ser descarregado da Internet em:
http://ait-sp.blogspot.com